

Universidade de São Paulo/Faculdade de Educação

1º semestre/2011

Seminário de Estudos em Epistemologia e Didática

(SEED) Ano XV

Significado/sentido: do binário ao multifário

Nílson José Machado

njmachad@usp.br

www.nilsonjosemachado.net

Sumário

- 1- Sentido e sentimento**
 - 2- Desejo e sentido**
 - 3- O significado e a História**
 - 4- Significado: Universo/Multiverso**
 - 5- Construtivistas, e daí?**
 - 6- O problema realmente importante: o significado**
 - 7- Sentido e significado**
 - 8- Significado: do binário ao multifário**
 - 9- Paradoxos aparentes**
 - 10- Significado: feixes binários**
-

1 - Sentido e sentimento (I.10)

O sentido de nossas ações é instável, chega ou se vai a qualquer momento. Nunca o temos definitivamente, nem é tarde para encontrá-lo. Mantê-lo vivo exige delicadeza, atenção, sutileza. Localmente, é possível ver sentido em cada ação imediata: ir ao trabalho, estudar, procurar parceiros para os projetos e cúmplices para a vida. De modo mais amplo, não é simples vislumbrar a racionalidade das ações pessoais, nem um sentido último para a vida.

É possível viver sem se preocupar com isso; em geral o fazemos, até deparar com uma experiência crucial: a morte de uma pessoa próxima, um desencontro profissional ou amoroso, um episódio que mina nossa fé na justiça ou nas pessoas. Emboscada por sentimentos de desilusão ou de tristeza, a razão fraqueja e a vida perde o sentido.

Entregar-se à armadilha é um luxo de minorias: para escapar, no entanto, não se pode negar o que se sente. A vida é sentimento e somente uma razão sensível pode subsistir. Decididamente, o que não é sentido, não faz sentido.

2- Desejo e sentido (I.13)

Em "Luzes da Ribalta", Chaplin ouve de uma menina: "A vida não tem sentido". E replica: "O que importa é o desejo, não o significado". Dois pontos a comentar: o significado não é o mesmo que o sentido; o desejo não se opõe ao significado.

O sentido é sempre pessoal, nasce nas profundezas do eu e aponta para o mundo externo; quando se esvai, esvai-se em cada um de nós, ainda que tudo o que nos cerca permaneça imutável. O significado é a parte comunicável da diversidade de sentidos que atribuímos às coisas e à vida, é o que há de partilhável em tal multiplicidade de perspectivas.

O que caracteriza o ser humano é uma permanente busca de sentido para as ações que realiza. Não corremos atrás do prazer pelo prazer: o sofrimento pode ser tolerado quando se insere em um projeto maior, ou seja, quando "faz sentido".

Uma pequena torção semântica torna a frase de Chaplin absolutamente verdadeira: mais importante que ter vislumbrado o sentido é manter viva a chama do desejo, ou a vontade de sentido.

3 - O significado e a História (I.47)

A História é fundamental para a construção do conhecimento. Conhecer é sempre conhecer o significado, e este somente se constrói por meio de narrativas. Uma boa aula é uma história bem contada e a fonte básica para a construção de narrativas é a História. Somente um enredo bem arquitetado pode fixar significados, impedindo que uma coleção de informações relevantes dissolva-se no tempo.

Mas o significado não se constrói de uma vez para sempre: ele está em permanente estado de atualização. Continuamente, algumas de suas relações constitutivas perdem a relevância e são substituídas por outras. A idéia de número não é construída pelas mesmas relações na escola básica e na universidade; o conceito de cidadania não é o mesmo na Grécia antiga ou nos dias atuais.

O conhecimento exige uma permanente atenção à História. Os significados mudam, mas não se transformam caleidoscopicamente. Na História, buscamos apreender o significado das transformações, ou o significado das mudanças de significado.

4 - Universo/Multiverso (II.9)

Uma das armadilhas frequentes na busca do significado da vida é a ideia da unicidade do Universo. Vivemos em múltiplos universos de significações. A Arte e a Ciência descortinam diferentes realidades: em cada vertente, um universo específico. A realidade indiscutível da luz é-nos apresentada pelas teorias científicas ora como ondas que passeiam no espaço-tempo, ora como fótons que desfilam de modo caoticamente ordenado, ora como ínfimas cordas vibrantes, que criam partículas tal como um violão gera as notas musicais. A própria Matemática nos apresenta uma multiplicidade de geometrias, que desafiam a percepção imediata e seduzem a imaginação.

Se conhecer é conhecer o significado, como buscar uma resposta única para as questões cosmológicas, quando a multiplicidade de sistemas de significações é a regra básica? Não seria o caso de buscarmos uma compreensão mais ampla do que é isso, o Universo, assimilando-o a um harmonioso coral de versões? Não seria mais adequado chamá-lo de Multiverso?

5 - Construtivistas, e daí? (II.10)

No que se refere ao conhecimento, o rótulo de "construtivista" há muito perdeu a cor. Desde o debate entre Piaget e Chomsky (Paris, 1975, Centre Royaumont), publicado em 1983 no livro *Teorias da Linguagem/Teorias da Aprendizagem*, todos somos construtivistas.

Não se trata de igualar as perspectivas em confronto, que são diferentes formas de compreender como conhecemos. O mérito do debate foi o deslocamento das atenções para o que realmente importa, que é *o modo como o conhecimento é construído*. Para Piaget, haveria um isomorfismo entre a organização das ações e a organização das ideias; para Chomsky, as ações seriam fundamentais, mas seu papel seria como o do motor de partida do automóvel, nada tendo de similar com um motor a explosão - a mente humana.

Cada forma sistemática de conceber como se constroem significações corresponde a uma imagem do universo. Não podemos prescindir de tais construções. Nas Ciências, nas Artes ou na Cultura, o grande desafio é promover um diálogo entre elas.

6 - O problema realmente importante: o significado

(II.19)

As ciências consideram crucial a questão "O que é isso, a consciência?" Em *The really hard problem* (MIT, 2007), Flanagan coloca em foco o problema realmente decisivo: a atribuição de significado aos eventos do mundo material, que faz com que nossas vidas individuais tenham propósito e relevância. Sugere que o par Ciência/Religião é insuficiente para pensar tal questão e nos remete ao que chama de "Espaço do Significado no Início do Século XXI", formado por três eixos de tensões: Arte/Ciência, Política/Tecnologia, Ética/Espiritualidade.

O eixo Arte/Ciência seria o lugar da expressão harmoniosa e da construção da racionalidade; no eixo Política/Tecnologia buscar-se-iam as relações entre a coerência e a utilidade; ao eixo Ética/Espiritualidade estariam reservadas as pretensões de justiça e de harmonia entre os seres humanos e o cosmos.

Na construção do significado, tais eixos podem traduzir uma clássica combinatória de valores: Belo/Verdadeiro, Verdadeiro/Bom e Bom/Belo, respectivamente.

7 - Sentido, significado (III.53)

Sentido e significado são palavras frequentemente intercambiáveis; sem preciosismo, esboçemos uma distinção mínima.

A marca do ser humano é a busca do sentido das ações realizadas. Tal sentido é sempre pessoal: aponta para algo fora de nós, mas nasce no fundo do eu. Quando julgo que algo perde o sentido, isto se dá para mim: objetivamente, lá fora tudo pode permanecer inalterado.

Cada evento tem tantos sentidos quantas as pessoas que o interpretam. Tal multiplicidade não impede que eles sejam partilhados, ainda que de modo pessoal, idiossincrático. O significado de um evento é a parte comunicável, e, portanto, partilhável, da diversidade de sentidos a ele atribuídos. Buscar o significado é acreditar que *nenhum homem é uma ilha*, como expressou o poeta John Donne.

A busca das bases racionais da ação comum, da comunicação, da ação comunicativa é o mote de quem, como Habermas, resiste à pretensão de uma absoluta pulverização dos sentidos, que esvaziaria a vida humana de qualquer significado.

8 - Significado: do binário ao multifário (III.54)

Em situações binárias, uma ação justa decorre do posicionamento adequado no eixo bem/mal: os heróis nos ajudam a combater os vilões; as fadas vencem as bruxas.

Mas a vida não é um Conto de Fadas, e, rapidamente nos faz enfrentar questões em que o bem e o mal passeiam de mãos dadas. Os dilemas morais são exemplos de situações em que uma ação justa situa-se muito além de uma simples opção entre pares antagônicos.

A construção de significados mais complexos envolve situações multifárias: diversos pares de polarizações exigem de nós uma escolha ou um posicionamento crítico. Conceitos nascem da confluência e da composição entre diversos eixos, como arte/ciência, política/tecnologia, ética/espiritualidade; valores consolidam-se no cruzamento de polarizações como bom/mau, belo/feio, verdadeiro/falso.

Em geral, as ações práticas são multifacetadas e pressupõem um mapeamento de variáveis, um feixe de polarizações, um cruzamento de perspectivas. O multifário não nega o binário: apenas o amplifica.

9 - Paradoxos aparentes (IV.2)

Ser ou não ser é a crucial questão hamletiana; seguir a razão, entrar na luta de frente, ou fingir-se de louco, e sair pela tangente?

Ser e não ser seria, supostamente, uma questão menos candente: uma simples contradição, dirão os lógicos. Mas nada é simples com o verbo ser.

É possível ser e não ser no mesmo espaço, em tempos diferentes. Também é possível ser e não ser no mesmo tempo, em espaços distintos. Chove e não chove: aqui, hoje e amanhã; ou agora, aqui e na China. Inaceitável seria o ser e o não ser no mesmo espaço e ao mesmo tempo. A dificuldade de compreensão não está nas coisas: é sina do verbo ser.

A simbiose entre o ser e o não ser é a dinâmica da vida, que não se resume às bifurcações do sim ou não. Quem está vivo morre um pouco a cada momento. A vida é criação, e alimenta-se continuamente dela.

*Em O Banquete, Platão cunhou o aforismo decisivo: *Todo ato de criação é uma passagem do não ser ao ser.* A vida é uma chama que nos anima e consome. Ao mesmo tempo, em cada lugar.*

10 - Significado: feixes binários (IV.4)

Em Tomás de Aquino, as virtudes compõem dois eixos cardeais: coragem/temperança, justiça/prudência. A natureza humana é lapidada no cruzamento de tais eixos, equilibrando-se a força para agir e a disposição para se conter, a crença na ordem maior do mundo e o discernimento pessoal nas ações práticas.

As competências pessoais são construídas a partir de três eixos fundamentais de polarizações: eu/outro, análise/síntese, concreto/abstrato. A pessoa competente expressa-se bem mas é capaz de ouvir; analisa mas toma decisões; contextua mas é capaz de abstrair os contextos.

As ideias do Cálculo constituem-se a partir do feixe de contraposições local/global, constante/variável, finito/infinito, discreto/contínuo: estudar Cálculo é buscar um diálogo entre os elementos de tais pares.

Os temas mais complexos podem ser abordados de modo similar. Não se trata de reduzir os significados a escolhas entre pares 0/1, mas de caracterizar cada um deles pelo feixe de polarizações relevantes que representa.